



**UIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS I – CAMPINA
GRANDE CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA CURSO DE
LICENCIATURA EM ADUCAÇÃO FÍSICA**

WESLEY CORREIA FRANCELINO DA SILVA

**DA SENZALA À SALA DE AULA: A CULTURA AFRICANA E AFRO-
BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

CAMPINA GRANDE

2019

WESLEY CORREIA FRANCELINO DA SIVA

DA SENZALA À SALA DE AULA: A CULTURA AFRICANA E AFRO-
BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Graduado, Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Wesley Correia Francelino da.
Da senzala à sala de aula [manuscrito] : a Cultura africana e afro-brasileira na Educação Física escolar / Wesley Correia Francelino da Silva. - 2019.
61 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas, Departamento de Educação Física - CCBS."
1. Educação Física escolar. 2. Cultura africana. 3. Estágio supervisionado. I. Título
21. ed. CDD 372.86

WESLEY CORREIA FRANCELINO DA SILVA

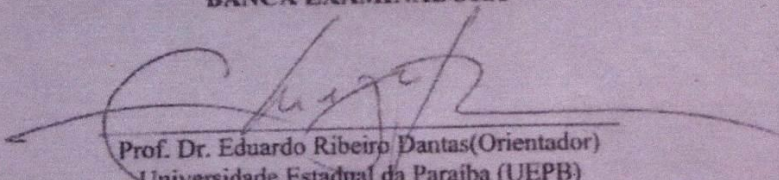
DA SENZALA À SALA DE AULA: A CULTURA AFRICANA E AFRO-
BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Educação Física, Centro de Ciências
Biológicas e da Saúde, Universidade
Estadual da Paraíba.

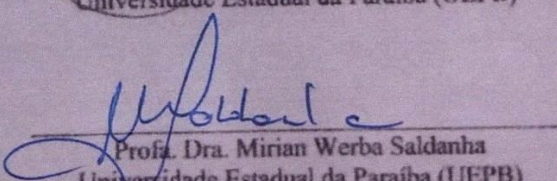
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro
Dantas

Aprovada em: 22/11/2019

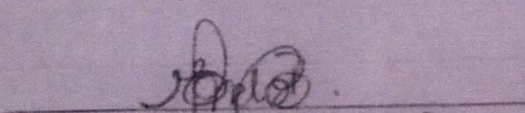
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Mirian Werba Saldanha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. (Nelson Mandela)

RESUMO

Quando nos debruçamos na temática da cultura afro-brasileira e na invasão portuguesa ao território brasileiro, usurpada pelo termo “descobrimto do Brasil”, entramos numa área bastante delicada para a história étnica brasileira. Assim decidimos, a partir das dificuldades em abordar os temas da cultura afro nas escolas, discutir, dentro das aulas de Educação Física no estágio supervisionado III e IV referente as turmas do nível Fundamental II e Médio, as contribuições africanas nos processos de construções sociais, históricos e filosóficos na formação da nossa sociedade, dentro de um projeto político-pedagógico pautado no discurso afro centrado. Visando à valorização desta cultura no processo educativo foi criada a Lei 10.639, lei esta que estabelece a obrigatoriedade do ensino da abordagem histórica e cultural afro-brasileira no currículo escolar. Porém, mesmo estabelecido por lei, esta temática não é abordada ou, por muitas vezes, é realizada de forma fragmentada, apenas em datas comemorativas e não de forma sistematizada. Diante disto, este trabalho objetivou descrever e discutir a vivência e a utilização de temáticas da cultura africanas e afro-brasileiras nas aulas de Educação Física nos estágios supervisionado III e IV, assim como identificar e analisar estratégias pedagógicas favoráveis, ou não favoráveis, na abordagem das temáticas africanas e afro-brasileiras na EF escolar. Esta experiência de ensino mostrou que é possível trabalhar com os conteúdos africanos e afro brasileiros na escola, contribuindo na afirmação da identidade étnica dos alunos.

Palavras-chaves: Educação Física Escolar. Estágio Supervisionado. Cultura Africana.

ABSTRACT

When we analyze the theme of Afro-Brazilian culture and the Portuguese invasion of Brazilian territory, usurped by the term “discovery of Brazil”, we enter a very delicate area of Brazilian ethnic history. Thus, based on the difficulties of addressing Afro culture themes in schools, we decided to discuss, within the Physical Education classes, in supervised stages III and IV, concerning Elementary and Secondary Education classes, the African contributions in the construction processes. social, historical and philosophical aspects in the formation of our society, within a political-pedagogical project based on focused discourse. In order to value this culture in the educational process, Law 10,639 was created, which establishes the obligation to teach the Afro-Brazilian historical and cultural approach in the school curriculum. However, even if established by law, this theme is not addressed or often performed in a fragmented manner, only on commemorative dates and not in a sitematized manner. Thus, this paper aimed to describe and discuss the experience and use of African and Afro-Brazilian culture themes in Physical Education classes in supervised stages III and IV, as well as to identify and analyze favorable or unfavorable pedagogical strategies. In the approach of African and Afro-Brazilian subjects in the physical education school This teaching experience showed that it is possible to work with African and Afro-Brazilian content in the school, contributing to the affirmation of the students' ethnic identity.

Keywords: School Physical Education. Supervised internship. African culture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	JUSTIFICATIVA	9
2.1	<i>A evolução da violência letal no brasil</i>	12
2.2	<i>O “corpo negro” e a escola</i>	14
2.3	<i>A imagem do corpo negro na educação física</i>	19
3	METODOLOGIA	23
3.1	<i>Ao tipo de pesquisa</i>	23
3.2	<i>Identificação do local da intervenção</i>	23
4	DISCUSSÃO SOBRE E INTERVENÇÃO	26
4.1	FATORES LIMITANTES: Aspectos favoráveis e desfavoráveis	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6	REFERÊNCIAS	35
	ANEXO I – PLANO DE AULA I	40
	ANEXO II – PLANO DE AULA II	44
	ANEXO II – PLANO DE AULA III	49
	ANEXO II – PLANO DE AULA IV	56

INTRODUÇÃO

Desde sua origem, o ser humano enquanto ser histórico produz e transmite cultura. Hall (1997) diz que “toda ação social é cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”, ou seja, toda prática social tem uma dimensão cultural, da mesma forma que as práticas política e econômica, também possuem uma dimensão cultural. Logo, todo indivíduo encontra-se inserido em uma sociedade plural em que existem vários costumes e conhecimentos, onde se pode encontrar uma diversidade enorme de culturas, valores, padrões sociais, estilos e maneiras de agir.

Neto (2004) nos diz que não é “tomar a cultura como uma instância epistemologicamente superior às demais instâncias sociais, mas sim tomá-la atravessando tudo àquilo que é do social”. Segundo Moreira & Candau (2003), “aceitando-se esse ponto de vista, não há como se negar a estreita relação entre as práticas escolares e a(s) cultura(s)”. Para Neto (2004), atualmente as questões culturais têm recebido grande atenção, nas mais diferentes esferas, acadêmicas, políticas, cotidiana e mesmo econômica, crescendo, assim, a importância da cultura para refletir sobre o mundo contemporâneo.

Sendo assim, a conduta do indivíduo e suas ambições materiais e profissionais acabam por serem definidas não somente de maneira individual, como este vê o mundo, mas também como a sociedade que ele está inserido quer que o mundo seja visto por ele. Seus pensamentos, ações, costumes e ideologias são inseridos em um contexto social ideológico de produção e reprodução de marcas tradicionais de cultura passadas de geração em geração através das interações sociais. Portanto, no tangente ao que refere-se a cultura é quase impossível separar o sujeito das questões sociais, pois desde a hora que este acorda até a hora de dormir ele está praticando atos sociais. Observamos, então, quando adentramos no campo educacional, por exemplo, que este não diverge disto, pois, conforme Giroux (1986), a cultura é um construto central para a compreensão das relações complexas entre a escolarização e a sociedade dominante.

Quando nos debruçamos na cultura afro-brasileira e na invasão portuguesa ao território brasileiro, usurpada pelo termo “descobrimento do Brasil”, entramos numa área bastante delicada para a história étnica brasileira, a “miscigenação”, onde a

população brasileira acabou se tornando diversa e heterogênea se comparado com a população indígena anterior a 1500.

A questão da miscigenação racial do Brasil normalmente é muito simplificada e romantizada. Não é raro ouvirmos que nosso país é mestiço e plural, e que, conseqüentemente, todos os seus habitantes tiveram sua etnia inevitavelmente misturada. Índios, Negros, Brancos e seus devidos resultados genéticos provenientes da natureza sexual humana se espalharam pelo país levando consigo suas crenças, medos, estórias, experiências e força de trabalho. No entanto sob o axioma de um país miscigenado se esconde uma realidade violenta e racista: a generalização da branquitude em um país predominantemente preto.

Sabemos que assuntos sobre negritude e afirmação afro cultural é bastante delicado, principalmente quando envolve questões centrais na construção da identidade da nacionalidade brasileira no que diz respeito à forma que a herança escravista deixaram suas marcas em nosso país. Culturalmente tudo que remete a cultura negra, no Brasil como um todo, é sinônimo de vulgaridade e trivialidade, se tornando “insignificante” na história, em sua essência dominante branca, que garantiu sua exclusão. A cultura negra, que sempre esteve marginalizada, agora está aprisionada do tripé escravidão-samba-capoeira. É justamente isso que os métodos de ensino e a mídia sempre ensinaram, e piora quando nos voltamos à Educação Física, quando esta nos resume apenas à Capoeira como única forma de abordar a cultura negra no ambiente escolar.

Assim decidimos, a partir das dificuldades em abordar os temas da cultura afro-brasileira nas escolas, discutir, dentro das aulas de Educação Física, as contribuições africanas nos processos de construções sociais, históricos e filosóficos na formação de uma sociedade crítica dentro de um projeto político-pedagógico debruçado no materialismo histórico-dialético. Discutiremos assim, o discurso afrocentrado nas aulas de Educação da Escola Monte Carmelo, além da importância desta temática na sociedade brasileira, seja geneticamente, seja nas questões sociais, nos costumes, na linguagem, na musicalidade e em vários outros exemplos. Esta opção não parte de uma escolha aleatória, mas de uma posição político pedagógica. Entendemos que a abordagem atende às necessidades pedagógicas da classe trabalhadora. A estratégia é apresentar as possibilidades de intervenção com o conteúdo.

Este trabalho tem como objetivo o de descrever e discutir sobre a vivência da utilização das abordagens de temáticas africanas e afro brasileiras nas aulas de Educação Física, assim como buscar reconhecer o ser humano, sua história e combater o preconceito e a discriminação por meio do resgate e vivência de jogos e brincadeiras, e danças, africanas nas aulas de educação física. Objetivamos também Identificar e analisar estratégias pedagógicas favoráveis a abordagem das temáticas africanas e afro brasileiras desenvolvendo o conhecimento e a valorização da pluralidade do patrimônio sócio cultural, em especial, a influência da cultura afro na formação cultural brasileira, como ferramenta de combate ao racismo e ao preconceito e discriminação racial.

JUSTIFICATIVA

Diante do incentivo e da atual visão trabalhada durante a formação de profissionais da educação física, nota-se mudanças no entendimento do que deve ser vivenciado nas escolas, sendo hoje uma educação física rica em conteúdo a ser trabalhado, ou seja, com muitas possibilidades de aprendizagem, uma visão menos tecnicista e entendendo as aulas de educação física como aprendizado e não como passa tempo.

O professor de educação física vê-se, a todo tempo, envolvido com técnicas corporais e com a cultura do corpo nos mais variados ambientes, como: escola, academia de ginástica, clube, universidade e demais espaços sociais. Mais do que uma atuação de cunho essencialmente técnico, o professor de educação física é um educador, na medida em que desempenha um papel formativo e contribui, em sua prática pedagógica, para a formação de valores socioculturais, subjetivos e políticos. Devido à natureza pedagógica de sua intervenção, é fundamental investigar em que medida os professores de educação física lidam com as demandas corporais contemporâneas, dentre as quais, a valorização da dimensão estética, que vem ganhando contornos impressionantes atualmente.

O Coletivo de Autores (1992) defende, numa ideologia libertária o ensino da capoeira “*como emancipação do negro no Brasil escravocrata, visto que, seu conjunto de gestos expressa de forma explícita a voz do oprimido em relação ao opressor.*” O que é irônico, uma vez que essa visão nos faz aceitar que apenas a prática do ensino da

capoeira nas escolas já se faz suficiente para despedaçar as amarras que machucam o povo ainda escravo, escravidão esta como condição de povo esquecido, miserável, demonizado e excluído, amontoados na escuridão da falta de políticas públicas que alcancem a comunidade marginalizada, que em sua grande maioria é composta por pretos e pretas, que sofrem violência diária na pele por causa da pele, assim como numa total desvalorização de suas tradições culturais e religiosas, entre outras tantas intolerâncias cruéis cotidianas.

Em desacordo com o Coletivo de Autores, quando se trata do ensino e abordagens da cultura afro-brasileira e africanas, intercedemos aqui por um ensino ampliado da história sociocultural pertinentes a esse tema, onde poderemos tratar de conteúdos que abordem as danças, a corporeidade nos rituais religiosos e os jogos tradicionais sem fragmentarmos o ensino da cultura negra. Não podemos, de forma alguma, cair no erro de resumir anos de tradições tribais, guerreiras, rituais, musicais, linguísticas, religiosas, gestuais e das modalidades isoladas de manifestações tradicionais da raça, em apenas o ensino da capoeira nas escolas.

A legislação brasileira determina como obrigatória a inserção das relações étnico raciais nos currículos da educação brasileira. A Lei 11.645/2008 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, que regulamenta a obrigatoriedade do ensino de história da África e cultura afro-brasileira nas escolas de nível fundamental e médio. Essa lei foi sancionada em 9 de janeiro de 2003, mas ainda hoje, quase 17 anos após a promulgação, esse assunto ainda é um tabu. No âmbito educacional, a questão da interculturalidade começou a ganhar espaço nas pautas de discussão recentemente. Marcos como o **Estatuto da Igualdade Racial (2010)**, A **Lei Nº 10.639 (2003)** (que determina a inclusão de conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira no currículo da escola básica), a **Lei Nº 12.711 (2012)** (que garante vagas para candidatos negros em universidades) e a **Lei Nº 12.990 (2014)** (que reserva a negros espaço em concursos públicos) são alguns entre os vários exemplos de como a questão racial se tornou a tônica do debate público no tocante à diminuição das desigualdades brasileiras.

Em nossa concepção, a escola é um dos principais espaços de reflexão, de ensino e de aprendizado sobre a pluralidade das diversas raças que formam a variedade cultural de norte a sul do nosso país. A população brasileira é extremamente diversa e são aspectos como as músicas, as danças, a culinária, a fala, a literatura, a forma de se

vestir, os costumes, que constroem a identidade individual de cada grupo social aqui presente. Por isso, reiteramos que é de extrema importância que textos e práticas selecionadas para o ensino da Educação Física Escolar, independente da série, explorem temáticas que desenvolvam e possibilitem a discussão acerca da origem e da influência de povos afro-indígenas na construção do país.

Na escola, o ensino da cultura afro-brasileira e africana no Brasil sempre foi explanado nas aulas de história, onde o único tema era a escravidão do povo negro. Refletindo sobre a lei 11.645/2008, uma primeira observação nos surgiu, sobre o que devemos fazer sobre a utilização da palavra “escravo”, palavra esta que sempre foi atribuída a pessoas em determinadas condições de trabalho. Consequentemente, esta palavra não existiria sem o significado do que é “trabalho” e das condições para este trabalho.

E a partir desta primeira observação que compreendemos nosso equívoco quando, em sala de aula, no referimos ao povo negro como “escravo africano”, pois ninguém é escravo – as pessoas foram e são escravizadas. A partir que naturalizamos o termo “escravo” passamos também a naturalizar essa condição às pessoas, visto que, trazer essa ideia de que ser escravo é uma condição inerente aos seres humanos, também traz o significado preconceituoso e pejorativo que, como sabemos, foi sendo construído durante toda a história da humanidade. Além de que, usando essa visão que naturaliza o termo “escravo” as pessoas escravizadas aparecem na condição de escravos submissos e passivos.

A sanção da lei que propõe novas diretrizes para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Os professores, como profissionais preparados para a formação do indivíduo, devem evidenciar em suas aulas essas culturas como constituinte e formadora da sociedade brasileira, fazendo assim abordagens que esclareça o papel dos negros e seu lugar na sociedade como sujeitos históricos, valorizando-os e mostrando o pensamento e as ideias importantes de intelectuais negros brasileiros, a cultura e as religiões de matrizes africanas. Os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil.

Em 1998, a questão da pluralidade cultural foi incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação como um dos temas transversais com o intuito de refletir sobre a educação e construir a mesma voltada para a cidadania. Um dos critérios adotados, segundo o documento de apresentação dos temas transversais, para a escolha desses temas para o trabalho escolar foi o fato de que nessa forma o ensino e aprendizagem no ensino fundamental seria possível e mais eficaz. Porém é justamente no ensino fundamental que a abordagem dessa temática de mostra fraca, quase nula e superficial (GOULART E MELO, 2013).

1. a evolução da violência letal aos negros no brasil

No início do século XVI, exatamente no ano de 1532, o Brasil começou definitivamente a ser invadido pelos portugueses, estes se dizendo representantes da cultura branca europeia, onde, na realidade, a única semelhança cultural com os demais europeus era em possuir pessoas brancas em sua tripulação. O povo lusitano era tido como um povo escravocrata, o qual acabou trazendo uma quantidade significativa de africanos em seus navios negreiros, para serem utilizados para o trabalho braçal nas lavouras de açúcar (FREYRE, 2003).

Muito negros escravizados, aqueles que não aceitavam se submeter a exploração aplicada pelos brancos, organizavam fugas a procura da liberdade, assim surgiram os quilombos como forma de proteção e repressão à sociedade e cultura escravista. Porém a escravidão dos negros deixou marcas profundas para a atualidade quando se trata do desenvolvimento histórico da nossa sociedade. Lamentavelmente, os grilhões do passado ainda se fazem presentes nos dias atuais, e ainda ecoam na fundamentação da sociedade brasileira.

De acordo com os dados do “Mapa da Violência 2012: A Cor dos homicídios”, de 29 de novembro (2012), existe uma grande pandemia no aumento no número nas morte de jovens negros no Brasil. Este estudo faz uma comparação entre os anos de 2002 a 2010, onde os homicídios de jovens negros passou de 69,6 para 72, enquanto para os jovens brancos passou de 40,6 para 23,3. O estudo mostra que o estado do Pará apresenta o maior índice de violência contra os corpos negros (WAISELFISZ, 2012).

No ano de 2018 o jornal El País publicou em suas páginas dados sobre a violência no brasil, onde estes dados encontram-se no Atlas da Violência do ano de

2018, feita numa parceria entre o **Fórum Brasileiro de Segurança Pública** e o **Instituto de pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**. O texto relata que “Em relação à violência letal, no Brasil, é como se negros e não negros vivessem em países completamente distintos. No ano de 2016, por exemplo, o número de homicídios de pessoas negras foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0 por 100.000 habitantes contra 40,2)”. O relatório do Atlas da violência analisou dados recentes, de 2016, fornecidos pelo Ministério da Saúde. A reportagem também relata que o estudo comprovou dados alarmantes como a do estado de Alagoas, que teve a maior taxa de homicídios de negros (69,7 por 100.000 habitantes) e a menor taxa de homicídios de não negros (4,1). O estudo compilou apenas uma década de homicídios de negros, mas o atlas relata conclusões absurdas e tenebrosas, que tornam o tema “racismo” impossível de se ignorar. O RACISMO EXISTE NO BRASIL E AS PESSOAS ESTÃO TÃO ACOSTUMADAS A NATURALIZAR ESTE FATO QUE NÃO CAUSA MAIS COMPAIXÃO E EMPATIA.

Segundo esse estudo publicado pelo El País, entre 2006 e 2016 a taxa de homicídio de negros aumentou 23,1% e no mesmo período teve uma redução de 6,8% na taxa entre não negros. Os estados com maiores taxas de assassinatos de pessoas negras são SERGIPE (79 por 100.000 habitantes) e Rio Grande do Norte (70,5), enquanto as menores taxas são em São Paulo (13,5), Paraná (19) e de Santa Catarina (22). O estudo concluiu da forma que todos nós já sabemos, mas que ninguém consegue admitir, que “a desigualdade racial no Brasil se expressa de modo cristalino no que se refere à violência letal e às políticas de segurança”. Diz também que “a situação das mulheres negras é igualmente grave: a taxa de homicídio entre elas "foi 71% superior à de mulheres não negras". No entanto os homens continuam sendo as maiores vítimas da violência letal.

Outro dado alarmante é sobre um fator, além da cor da pele, que se torna agravante para o assassinato de negros, a idade em que a pessoa assassinada sofreu a violência letal. “O homicídio de negros na fase jovem (entre 15 e 29 anos) no país é um fenômeno que vem sendo denunciado ao longo das décadas, mas que sempre permaneceu sem as devidas respostas quando se trata de políticas públicas que sejam realmente efetivas para enfrentar esse problema”. No Brasil, 33.590 jovens negros foram assassinados em 2016, sendo 94,6% do sexo masculino, segundo os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Instituto de pesquisa Econômica Aplicada

(IPEA), isso representa um aumento de 7,4% em relação a 2015. Levando em conta que em 2015 uma pequena redução ocorreu se comparado com 2014, de -3,6%.

A questão que fazemos ao analisar todos esses dados é: Como existirão negros mestres e doutores, ou professores negros nas escolas, se estes morrem antes mesmo de entrar numa universidade para cursar o ensino superior?

Quando debatemos a história do negro no Brasil, temos que frisar que a abolição trouxe, na teoria, a “libertação” dos negros escravizados, porém não trouxe com ela nenhum projeto de integração dessa população negra na sociedade, seja na questão do mercado de trabalho, nas saúde e, principalmente, na educação.

2. o “corpo negro” e a escola

Na sociedade, o “corpo negro”, é traduzido num conceito que traz a ideia da figura do “corpo reduzido”, do “corpo menos capaz”, controlado pela ideologia dos espaços educacionais que muitas vezes se tornam aprisionadoras, ao invés de libertadoras, nas questões relacionadas à individualidade, na sexualidade, e na representação da cidadania, que precisa, muitas vezes, ser alternada entre a experiência precoce do meio ocupacional do trabalho, que causam desgastes físicos provenientes de jornadas intensas, mais carga escolar, não raramente tendo que se adequar com o ambiente militar (para os rapazes) e, muitas das vezes, para as moças, somada às questões de maternidade.

LÜDORF (2004) debatia em sua obra que no contexto contemporâneo, observa-se que o poder que investe e marca os corpos da atualidade é extremamente difuso e está longe de ser sutil. Para Lüdorf parece haver um poderoso “macro discurso do poder da eterna juventude e beleza, tecido nas entranhas da sociedade, e que se faz presente de forma arrebatadora, dadas as múltiplas formas de propagação e impregnação, geradas, sobretudo, por sua grande aliada, a mídia; e esse discurso é fortalecido pelas instituições contemporâneas” (Lüdorf, 2004).

Segundo LUZZATTO (1996:243) *“Há muitas maneiras de ser jovem, mas apenas uma é boa, a que convém exatamente a determinado tempo e a determinada sociedade”*. Cada sociedade tem a capacidade e necessidade insaciável de criar seus mitos sobre a representação dos laços entre a vida e a morte, juventude e velhice,

sonhos e medos, e etc., e vendo uma impossibilidade de responder essas obscuridades que se apresentam na existência humana, estas sociedades passam a valorizar esses mitos criados como o foco do inexplicável (HUERRE, 1998).

Essa supervalorização do inexplicável resulta, na grande maioria das vezes, na castração da identidade desses corpos, que perdem seus verdadeiros valores tornando-os “corpos fabricados” na práticas sociais impostas, não raras vezes, dentro da própria educação escolar, em que, nesses processos de disciplinarização dos corpos e os saberes destes, funcionam procedimentos de controle e de apropriação de alguns discursos, como trata Foucault (1995).

Connell (1991:352) afirma que:

“O corpo nunca está fora da história e a história nunca está livre da presença do corpo e de seus afetos. As dicotomias tradicionais subjacentes ao reducionismo agora têm que ser substituídas por uma explicação mais adequada e complexa das relações sociais nas quais essa incorporação e interação ocorrem.”

Quando Freire (1993:115) destaca: “... o corpo imita o poder em seus contornos mais sutis...”, ele consegue sintetizar em poucas palavras a essência do aparelho disciplinar presente na maquinaria de poder expressa por Foucault (1987), ou seja, o adestramento surge como meio a selecionar os gestos corporais permitidos, transformando os indivíduos em seus próprios guardas, vigiando uns aos outros e controlando-os ininterruptamente.

Quando debatemos a história da educação dos negros no Brasil somos levados a alguns estudos que relatam que o acesso da escolarização do negro no pós-abolição não foi impedido definitivamente, porém foi amplamente dificultada por meio de mecanismos muito sutis, como por exemplo, a necessidade de se ter um responsável para se fazer aquela matrícula, de ter a vestimenta adequada para frequentar a escola, a questão de ter o recurso para aquisição do material didático obrigatório, além da questão da merenda. Esses mecanismos mais sutis têm a ver também com os conteúdos ofertado pela escola e as exigências escolares que não era pensado incluindo as especificidades deste segmento que sempre foi marginalizado.

Segundo o estudo **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA: ENTRE SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA** da Prof^a Dr^a Surya Aaronovich Pombo de Barros (2018), o acesso dos negros à escola não foi explicitamente vedado, mas sutilmente impedido. Quando observamos as estatísticas percebemos uma menor escolaridade, e maior índice de evasão escolar, está entre a população negra, em função da maior dificuldade de ingresso na escola e da permanência na mesma.

A carta de princípios do Movimento Negro Unificado (MNU), do ano de 1978, dizia que: “a história do negro não começa quando ele chega escravizado no Brasil e que estes fizeram parte de toda a construção de estrutura deste país”.

É importante situar que a lei 10.639/2003, que regulamenta a obrigatoriedade do ensino de história da África e cultura afro-brasileira nas escolas de nível fundamental e médio no Brasil, não foi sancionada da noite para o dia. Esta lei é, na verdade, fruto das intensas lutas dos movimentos negros. Existiu uma demanda, desses movimentos afro-brasileiros, principalmente por volta da década de 70, com a abertura política, de reivindicação muito mais intensa. Essa movimentação da militância negra consistia, também, em reivindicar que a cultura afro fosse valorizada nos conteúdos escolares e valorizassem a contribuição da população negra na construção da sociedade brasileira.

Segundo os movimentos negros, no ponto de vista político e educacional, para que esta lei venha ser executada nas escolas ela precisa passar pela formação docente, pois a formação docente necessita incorporar os conteúdos que esta lei explicita. O texto das diretrizes curriculares para aplicação dessa lei é muito claro e muito abrangente, pois ele não se restringe somente ao conteúdo, o texto da lei fala sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo, mas também fala sobre a necessidade de reeducar as relações étnico-raciais, onde esse texto vai falar sobre o que é essa reeducação, que engloba as posturas, as atitudes, de valores, de todos que frequentam as escolas, seja como alunos, como professores, ou como outro autor da realidade dentro da comunidade, pois estes sabem que existem tensões dentro das salas de aulas quando se trata das questões afro-brasileiras e africanas nas escolas.

A partir daí, entendemos então que, a escola possui uma demanda e precisa suprir esta demanda em incorporar essas questões em seus planejamentos, mas que não

seja um trabalho isolado de um professor que, sozinho, planeja e realiza um projeto, ou faz uma atividade sobre a cultura afro no Brasil. Esse tema precisa ser incorporado no plano curricular da escola de uma maneira mais incisiva, ao invés de deixar apenas um ou dois professores que tenham formação, ou que tenham uma preocupação mais íntima com a temática, tentarem fazer acontecer enquanto a escola não assume a dívida curricular que esta lei tenta saldar.

Entre os diferentes indicadores de qualidade de vida, a educação é área fundamental e desnuda a questão, como no título de uma reportagem recente: “Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo” (TOKARNIA, 2016).

Daolio (2004) sustenta a ideia de que a cultura é o principal conceito para a educação física, “porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje”.

O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica (Daolio, 2004).

Como estudioso da cultura, considerando a educação física como disciplina escolar e a escola como espaço e tempo de desenvolver a cultura, entendo como tarefa precípua da área garantir ao aluno a apreensão de conteúdos culturais, no caso, relacionados à dimensão corporal: jogo, ginástica, esporte, dança, luta (Daolio, 2004).

Sendo assim, a Educação Física atua como uma área de conhecimento muito mais do que o mero contexto do lúdico e desporto, as ações da Educação Física foram amplamente expandidas e referendadas como relevante para o processo de formação do aluno, de acordo com os PCN (BRASIL, 1997, p. 19):

Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social).

Ao analisar o população negra no Brasil no pós-abolição, sociólogos afirmam que “o preconceito de cor” não só ainda existe, como é manifestado cotidianamente, contribuindo para a preservação da ordem escravocrata (DOMINGUES 2011). Os negros, até hoje, são alvos da discriminação racial e da desvantagem da estrutura socioeconômica em relação aos brancos, o que limita as chances de mobilidade social. Um vez que, desde o período da escravidão até os dias atuais, as condições de existência material mantiveram-se relativamente estáveis para a população negra, onde esta viu-se impedida de ascender na escala social em grande número, como podemos ver na linha de tempo abaixo.

- ✓ **1837 – Primeira lei de educação:** *Negros não podem ir à escola;*
- ✓ **1850 – Lei das Terras:** *Negros não podem ser proprietários de terras;*
- ✓ **1871 – Lei do ventre livre:** *Considerava livre todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir daquela data. As crianças trabalhavam porque eram proibidas de frequentar a escola;*
- ✓ **1885 – Lei do Sexagenário:** *considerava livre quem alcançasse 60 anos. Nenhum negro alcançava essa idade;*
- ✓ **1888 – Abolição:** *depois de 388 anos de escravidão;*
- ✓ **1890 – Lei dos vadios e Capoeiras:** *Os que perambulavam pelas ruas, sem trabalho ou residência comprovada, iriam pra cadeia. Eram mesmo “Livres”? Dá pra imaginar qual era a cor da população carcerária daquela época? E qual a cor predominante nos presídios hoje?*
- ✓ **1968 – Lei do boi:** *Primeira lei de cotas! Não para negros, foi para filhos de donos de terras, que conseguiam vagas nas escolas técnicas e nas universidades. (Volte e releia a lei de 1850);*
- ✓ **1988 – Nasce nossa “ATUAL CONSTITUIÇÃO”:** *Foram necessários 488 anos para ter uma constituição que dissesse que racismo é crime. Na maioria das ocorrências se minimiza o racismo enquanto injúria racial e nada acontece;*
- ✓ **2001 – Conferência de Durban:** *O estado reconhece que terá que fazer políticas de reparação e ações afirmativas. Esse reconhecimento não se deu por livre e espontânea vontade dos realizadores, mas por lutas dos povos negros, que duraram décadas e que até nos dias atuais grande parte da população ignora;*
- ✓ **2003 – Lei 10639:** *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.*

- ✓ **2009 – Primeira Política de Saúde da População Negra:** *Que prossegue sendo negligenciada e violentada no sistema de saúde;*
- ✓ **2010 – Lei 12288:** *Estatuto da Igualdade Racial. Em um país onde se nega a reconhecer a existência do racismo;*
- ✓ **2012 – Lei 12711:** *Cotas nas Universidades. Que trás muita revolta a população branca no Brasil.*

Nossa sociedade é racista e ainda escravocrata. E essa linha do tempo está aí pra evidenciar isso.

3. *o imagem do corpo negro na educação física*

Embora não fosse hegemônico, o discurso eugenista se fazia presente na mídia especializada em Educação Física nos anos iniciais a seu surgimento no Brasil por volta dos anos 30 e 40. A eugenia racial tinha um grande destaque no surgimento da educação física escolar no Brasil.

As discussões a favor da eugenia surgiram no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Quando essas ideias foram introduzidas suas ideias tornaram-se assíduas no meio intelectual e científico, principalmente no meio das comunidades médicas, higienistas, juristas e educadores. Na bibliografia nacional, o termo “eugenia” era sinônimo de modernidade cultural, traduzida como um conhecimento científico que insistia em tentar convencer à todos que esse pensamento era tudo do que havia de mais “hodierno” na ciência moderna. Para o imaginário nacionalista das elites brasileiras, falar sobre a eugenia significava pensar em evolução, progresso e civilização. A admiração e crença que os “homens da ciência” depositavam nessa forma de conhecimento era tamanha que em muitos casos a eugenia era interpretada como uma “nova religião da humanidade”. Assim como em outros países da América Latina, no Brasil a eugenia foi introduzida aos projetos políticos e científicos que almejavam produzir uma ampla reforma social, onde a eugenia funcionava como um instrumento para melhoria do aspecto físicos, moral e mental da “raça nacional”.

Apoiados nas teorias científicas e nos preconceitos raciais, muitos viajantes, intelectuais estrangeiros e cientistas, a partir da metade do século XIX, pronunciaram diversos vereditos extremamente desfavoráveis ao futuro do Brasil. Escritores como Arthur de Gobineau, Louis Couty e Louis Agassiz – que estiveram no Brasil durante a

década de 1860 –, além do inglês Thomas Buckle, consideravam o Brasil como um “território vazio” e “promíscuo à saúde”, enquanto os brasileiros eram vistos como “seres assustadoramente feios” e “degenerados”. Para esses viajantes, uma conjunção de fatores climáticos e raciais, sobretudo a “larga miscigenação”, era mobilizada para explicar a suposta inferioridade do homem brasileiro e a impossibilidade de o Brasil acessar os valores de “mundo civilizado”.

Mas se, em vez de se reproduzir entre si, a população brasileira estivesse em condições de subdividir ainda mais os elementos daninhos de sua atual constituição étnica, fortalecendo-se através de alianças de mais valor com as raças européias, o movimento de destruição observado em suas fileiras se encerraria, dando lugar a uma ação contrária. (Carta a D. Pedro II, ARTHUR GOBINEAU, 1879).

Louis Couty escreveu, em 1881, um importante livro, uma das primeiras análises sociológicas publicadas sobre o nosso país, "Escravidão no Brasil". Neste trabalho, Couty provou que o Brasil, com base no censo de 1872, tinha uma classe média organizada muito pequena e que os proprietários dos negros escravizados (apenas cerca de 500.000 em 12 milhões no total, em uma terra de 5 milhões de km²) eram a "verdadeira" elite econômica e política. Por isso, sua famosa boutade, "*o Brasil não tem gente*".

Alcir Lenharo (1986, p.79.) nos diz que a discussão sobre este problema brasileiro e sobre a sua solução “eram meios de uma política repressiva e preventiva para a salvaguarda do patrimônio hereditário”. Pode ser verificado tal fato observando as palavras dos técnicos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos proferidas neste discurso de Waldemar Areno, que transcrevemos abaixo:

A educação física tem por finalidade a preparação de um organismo sadio, física e espiritualmente, age mantendo a saúde, melhorando a saúde, prevenindo a doença. E a higiene; higiene e serviço social se confundem e se completam em tantos pontos e a educação física e a higiene são irmãs(...). Esse capítulo importante de higiene social incluindo todas as medidas que se destinam à seleção biológica da espécie humana, essa higiene da raça, visando ao estudo da eugenia, da boa geração, se dirige, é claro para os indivíduos que se destinam à procriação. A Higiene da

raça comporta o estudo de todos os fatores submetidos ao controle da sociedade e susceptíveis de modificar favorável ou desfavoravelmente as qualidades raciais, físicas e mentais das gerações futuras. (...). A regulamentação dos casamentos é um objeto que visa não só a proibição da união entre indivíduos tarados, doentes, incapazes, eugenicamente nocivos à sociedade, mas também entre indivíduos de uma mesma linha de descendência evitando casamentos consanguíneos. (...). Parece de certo modo uma maneira de agir que influenciaria sobre o todo moral do indivíduo, depreciando-o, diminuindo-o; se à sociedade cabe a missão de melhorar as condições dos deficientes, a segregação temporária seria, num prazo certo, ainda razoável, porém, a segregação definitiva antes merecia ser substituída pela esterilização (...). A esterilização consiste em um processo cirúrgico simples e inofensivo, no homem a ligação dos canais deferentes, e na mulher, das trompas de Falópio. Impedindo no homem a fecundação e na a concepção, essa medida, não sendo de qualquer forma nociva, permite aos indivíduos a continuação das atividades sexuais, excluindo-lhes somente o direito que lhes era facultado, de disseminar o mal, de produzir seres inúteis à sociedade. (ARENO, 1941, p.40-1.)

Atualmente quase não se vê mudança neste quadro quando analisamos as questões raciais dentro da escola. É inegável que ainda vivemos em um país que convive com um grande entrave, o qual impede grande parte do desenvolvimento humano da população, o chamado racismo. Há uma enorme e urgente necessidade de trabalharmos na escola tais questões, podendo assim, viabilizar e destacar as barreiras da desigualdade social.

No Brasil, os periódicos analisados compactuam diversos pensamentos que valorizam a eugenia na Educação física, sobretudo discursos considerados científicos.

Nesses estudos o que importava era comprovar que a Educação Física possuía uma importante utilidade para a sociedade, sociedade esta extremamente racista e preconceituosa. Assim construía-se, neste sentido, um discurso legitimador a favor desta prática. A partir destas análises cabe os seguintes questionamentos: Na atualidade, o que produz essa associação entre a legitimação da EF com a eugenia? Será que a eugenia morreu juntamente com as mudanças das tendências pedagógicas no passar dos anos? Para responder essas questões temos que nos debruçar e analisar o foco educacional na realidade em que vivemos, assim como analisar a história para que esta nos auxilie.

Para André Silva (2009), ainda hoje:

A Eugenia adentra diversas instâncias do nosso cotidiano; fazendo-se, muitas vezes, imperceptível. Reinventada pelo saber biológico e médico, essa Ciência povoa os jornais e revistas de grande circulação, sensibiliza pela imagem e som da TV, projeta um universo de possibilidades cinematográficas. Convicções de que os organismos biológicos evoluem, somadas à crença em um poder sem limites da ciência, ainda conferem sentido à Eugenia. (p.2)

Esse contexto fica ainda mais evidente quando vemos as representações do ser humano como máquina. Sergio Paulo Rouanet (2003) chama atenção para a biografia do médico Julien Offray de La Mettrie (1709-1751), autor do livro “O homem-máquina” no século XVIII. Este médico defendia a ideia de que o homem é mais do que uma matéria extensa controlada pelo espírito, pela alma; para ele o homem é um animal orientado não pela educação, mas sim, pela própria natureza, ou seja, é um ser sem alma.

Os estudos históricos da eugenia faz com que nós tenhamos a possibilidade de analisar a ciência como discurso em constante construção, limitado à mentalidade do período histórico que esta se encontra.

METODOLOGIA

1. *Ao tipo de pesquisa*

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, elaborado no contexto da disciplina Estágio Supervisionado III e IV, ministrada no sexto e sétimo período do curso de Graduação em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Campina Grande, que tem como objetivo principal a intervenção na realidade a partir do desenvolvimento de práticas de educação no ensino básico e médio, abordando temas transversais relacionados à Educação Física.

2. *Identificação do local da intervenção*

2.1 local

ECI Médio Monte Carmelo

Endereço: R. Prof. Carlos Francisco Medeiros de Almeida, s/n – Centenário, Campina Grande – PB, 58428-158.

Tel.: (83) 3310-9418

2.2 ano escolar ou modalidade de ensino

As aulas foram ministradas em 8 turmas que compõem os 4 ciclos do EJA (Educação para Jovens e Adultos):

- III ciclo (que corresponde ao 6º e 7º ano do Ensino Fundamental);
- IV ciclo A e B (que corresponde ao 8º e 9º ano do Ensino Fundamental);
- V ciclo A, B (que correspondem ao 1º e 2º ano do Ensino Médio) ;
- VI ciclo B, C e D (que correspondem ao 3º ano do Ensino Médio).

A metodologia de ensino aprendizagem aplicado nas aulas foi à metodologia espiral-construtivista. A exploração da espiral construtivista, de acordo com os movimentos: “identificando problemas”; “formulando explicações”; “elaborando questões”; “construindo novos significados”; “avaliando processo e produtos”, destaca semelhanças e diferenças em relação às metodologias ativas focalizadas.

Para além dos aspectos metodológicos envolvidos, a intencionalidade educacional na utilização da espiral construtivista é explicitada pela natureza dos

disparadores de aprendizagem utilizados e pelo sentido transformador da realidade derivado da postura crítica e reflexiva na interação do “sujeito” e “objeto”.

2.3 número de aulas ministradas

Cada turma teve quatro aulas (duas por semana, cada aula com duração de 1 hora) durante duas semanas, totalizando 32 aulas dividido igualmente entre as 8 turmas. As aulas foram ministradas de segunda-feira à quarta-feira nas turmas separadas, conforme o calendário da escola, e nas quintas-feiras os ciclos foram reunidos para atividades conjuntas.

2.3.1 Quadro: horário

Dia Hora	SEGUNDA - FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
07:00	V CICLO: A	----	IV CICLO: A	III E IV CICLOS
07:30	V CICLO: A	----	IV CICLO: A	III E IV CICLOS
08:00	III CICLO	VI CICLO: D	IV CICLO: B	V CICLOS (A e B)
08:30	III CICLO	VI CICLO: D	IV CICLO: B	V CICLOS (A e B)
09:00	V CICLO: B	VI CICLO: B	VI CICLO: C	VI CICLOS (BCD)
09:30	V CICLO: B	VI CICLO: B	VI CICLO: C	VI CICLOS (BCD)

Fonte: elaborada pelo autor

2.3.2 Quadros: Organização didática

(SEMANA 1)	
- Dia/Mês: Do dia 27/05 ao dia 29/05 (de segunda a quarta-feira)	
- Conteúdo/objeto de conhecimento	Diagnóstico.
- Tempo da aula	1 hora para cada turma.
- Objetivo(s)	Apresentar o projeto e verificar o conhecimento dos alunos sobre cultura africana e afro brasileira.
- Procedimentos	Aula expositiva e dialogada, com debates considerando a participação do aluno, suas críticas e suas concepções.
- Técnica de ensino	Diálogo e debates + Grupos de Verbalização.
- Avaliação	Diagnóstica, a partir dos debates.

- Dia/Mês:	Dia 30/05 (quinta-feira)
- Conteúdo/objeto de conhecimento	História da cultura africana e afro brasileira introdução aos jogos originados da África.
- Tempo da aula	1 hora para cada grupo de turmas.
- Objetivo(s)	Apresentar aos alunos a influência que a cultura africana teve na cultura brasileira.
- Procedimentos	<p>ATIVIDADE 1: Aula expositiva, com a utilização do multimídia para a explanação da história da cultura africana e afro brasileira.</p> <p>ATIVIDADE 2: Mesa redonda sobre costumes da cultura africana.</p> <p>ATIVIDADE 3: introdução a práticas de jogos originados na África.</p>
- Técnica de ensino	Diálogo e debates + Grupos de Verbalização.
- Avaliação	Formativa, a partir dos debates.

(SEMANA 2)	
- Dia/Mês: Do dia 02/06 ao dia 05/06 (de segunda a quarta-feira)	
- Conteúdo/objeto de conhecimento	Trabalhando os jogos e brincadeiras de origem africanas.
- Tempo da aula	1 hora para cada turma.
- Objetivo(s)	Proporcionar o conhecimento e a vivência prática dos jogos e brincadeiras, desenvolvendo assim a coordenação, raciocínio, cooperação.
- Procedimentos	<p>Através dos jogos e brincadeiras, trabalhar as manifestações da cultura africana e afro brasileira. Foram realizadas as seguintes atividades:</p> <p>- Labirinto (Moçambique);</p> <p>- Terra-mar (Moçambique);</p> <p>- Jogo Mancala (Egito).</p>
- Técnica de ensino	Gincana e Jogos lúdicos recreativos.
- Avaliação	Formativa, a partir dos debates e jogos.

- Dia/Mês:	Dia 06/06 (quinta-feira)
- Conteúdo/objeto de conhecimento	Danças africanas e afro brasileiras
- Tempo da aula	1 hora para cada grupo de turmas.
- Objetivo(s)	Conhecer o significado da danças africanas; vivenciar a prática da dança africana e afro brasileira; desenvolver a expressão corporal, coordenação, lateralidade, socialização.
- Procedimentos	Atividade teórica sobre o significado das danças africanas e vivenciar na prática algumas delas.
- Técnica de ensino	Montagem e ensaio de coreografias de danças.
- Avaliação	Somatória e Emancipatória.

DISCUSSÃO SOBRE A INTERVENÇÃO

ESTERMAN (2010), em seu trabalho fala sobre o choque cultural ocasionado pela invasão dos europeus há pouco mais de 500 anos. Segundo Esterman somente alguns exploradores e aventureiros conheciam culturas distintas e suas descrições suscitaram nos povos assombro e incredulidade, no entanto, estas circunstâncias ainda não constituíam nenhuma ameaça e não causavam grandes problemas para a convivência humana. Porém foi a partir das colonizações ibéricas nas Américas que emergiu o choque étnico-cultural, em que ao invés de respeitar a diversidade cultural, os europeus buscavam a erradicação dessa diversidade. Assim a atuação dos europeus junto aos povos africanos não foi menos negativa, onde estes buscaram subjugar o povo negro, tendo-os como raça inferior, excluindo-os de um contexto social mais amplo mesmo em período posterior ao período escravista, condição esta que foi, e vem, sendo perpassado ao longo das construções e transformações sociais em nosso país (ESTERMAN, 2010).

Conforme GOFMANN (2003), a sociedade cataloga as pessoas conforme os atributos ditos como comuns e normais para os membros desta categoria, determinando a partir daí um padrão e em que categoria os indivíduos devem pertencer, sendo assim a identidade social e relações do meio são “controladas” e impostas, e aqueles que não correspondem ao padrão comum são rotuladas, negligenciadas e menosprezadas.

GOFMANN (2003) diz que as condições de categorizar os indivíduos é um legado de colonização e invasões europeias, que colocou os povos indígenas, e posteriormente os negros, em condições sub-humanas e fora dos padrões comumente

aceitos. Tal atitude teve um impacto significativo na realidade destes povos que dentro do fator histórico, social, econômico e educacional teve efeitos que ainda são percebidos na contemporaneidade, mesmo diante do discurso romântico da miscigenação e diversidade étnico-racial.

Nosso primeiro desafio foi elaborar métodos que fizessem os alunos entenderem a cultura africana e afro-brasileira enquanto produção da cultura corporal. Acreditamos que o rigor no debate sobre cultura corporal é extremamente importante para resgatar a ideia do trabalho enquanto intercâmbio orgânico entre homem e natureza, condição indispensável para sobrevivência. O resultado, podemos chamar de “produção material” (SAVIANI, 2005, 1984 e MARX, 1978). Estendemos nossa análise para atividades que, embora se afastem progressivamente do trabalho, encontram sua determinação na forma como os homens trabalham: produções não materiais. Nesse primeiro momento foi elaborado o projeto e apresentado à direção da escola e aos alunos, assim como decidimos dar início a abordagem do tema a partir de uma avaliação diagnóstica para com os alunos sobre a temática.

Para atingir os objetivos desta intervenção os estudos sobre o tema e as atividades propostas proporcionaram atividades a fim de que os alunos conhecessem a cultura afro, para que pudessem desenvolver a capacidade crítica no que se refere a respeitar as diversas culturas. A intervenção possibilitou aos alunos o conhecimento das práticas corporais presentes na cultura afro; promovendo a conscientização dos benefícios do conhecimento e práticas da cultura afro, para o desenvolvimento físico, afetivo e social, num espírito de respeito e cooperação e; propiciou atividades que favoreceram a valorização da cultura afro no combate a qualquer tipo de racismo, preconceito e discriminação racial.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais:

Convivem, no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu. Porém, a presença da cultura negra e o fato de 45% da população brasileira ser composta de negros (de acordo com o censo do IBGE) não têm sido suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas. Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes europeias da

sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática. Os diferentes grupos, em sua diversidade, que constituem o Movimento Negro brasileiro, têm comprovado o quanto é dura a experiência dos negros de ter julgados negativamente seu comportamento, ideias e intenções antes mesmo de abrirem a boca ou tomarem qualquer iniciativa. Têm, eles, insistido no quanto é alienante a experiência de fingir ser o que não é para ser reconhecido, de quão dolorosa pode ser a experiência de deixar-se assimilar por uma visão de mundo que pretende impor-se como superior e, por isso, universal e que os obriga a negarem a tradição do seu povo (BRASIL, 2004, p.14).

Na primeira aula questionamos, aos alunos, o que eles conheciam sobre a África, grande parte deles afirmaram ser “um país pobre e com muitos negros e animais”, usando outras respostas como estas: “É um ‘país’ bem pobre”; “Tem bastante bichos”; “Lugar de muita pobreza”; “Passam fome”; “Lugar muito frio”; “Lugar muito quente”; “Tem muitos negros”; “De onde vieram os escravos”; “Muitos leões”; “Muitas girafas”. Em seguida buscamos saber quais brincadeiras e práticas corporais da cultura africana os alunos conheciam, a maioria respondeu que não conhecia. Dentre os que responderam que conheciam, disseram: “Capoeira”; “Algumas danças”. Logo após, questionamos se os alunos já haviam presenciado práticas racistas e quais as atitudes tomadas, muitos alunos afirmaram já terem presenciado, porém não responderam a atitude tomada.

Ao avaliarmos as respostas dadas pelos alunos, verificamos que grande maioria destes relacionava a África com “pobreza, sofrimento e negros”. A transdisciplinaridade foi de extrema importância para esta intervenção. No segundo encontro utilizamos, por exemplo, de uma mesa redonda composta por três professores, cada um de uma respectiva disciplina: Geografia, História e Biologia, onde optamos por uma “palestra” sobre os países africanos, para que pudéssemos passar aos alunos que a África não é só pobreza, que tem as mais diversas etnias, possui uma cultura muito rica, que é um lugar tão belo como o Brasil.

Segundo os dados disponíveis no Portal Brasil (2015), o Brasil tem a maior população de origem africana fora da África e, por isso, a cultura desse continente desempenha grande influência, especialmente na região nordeste do Brasil. “Atualmente, a cultura afro-brasileira é resultado também das influências dos

portugueses e indígenas, que se manifestam na música, religião e culinária” (PORTAL BRASIL, 2015, p.1).

Munanga (2005) diz que a formação cultural do Brasil se distingue através da composição de etnias e culturas, pela sucessiva ocupação de distintas regiões geográficas, pela diversidade de fisionomias e paisagens e também pela multiplicidade de visões sobre a miscigenação em sentido amplo, algumas ainda presas à desinformação e ao preconceito (MUNANGA, 2005). As crianças, nas escolas, que têm valores culturais distintos recebem como educação religiosa, em seus lares, na maior parte das vezes, valores que não observam a diversidade religiosa e a riqueza culturais destas (MUNANGA 2005).

Em seu trabalho, Silva (2005, p.22) diz que: A predominância de uma única matriz religiosa em educação nas escolas, doutrinada sob forma de catequese e não de apreciação histórica e cultural das diversas religiões, têm cooperado para uma fragmentação da fé que a criança traz do seu grupo familiar e cultural, tornando-a confusa, muitas vezes internalizando a imagem idealizada negativa que a escola expande da sua religião de origem. Observa-se que a história das religiões afro-brasileiras abrange essencialmente a totalidade das relações sociais, políticas e econômicas constituídas entre os seus principais grupos formadores: negros, brancos e índios (SILVA, 2005).

Neste segundo encontro iniciamos a temática dos jogos e brincadeiras de origem africana, e por meio do lúdico trabalhar as manifestações da cultura africana. Foram realizadas as seguintes atividades: Ampe, Originado no país Gana; Meu querido bebê, Originado na Nigéria; e Kameshi Mpuku Ne/O Gato e o Rato, Originou-se com o povo Luba, do Congo (que serão detalhados e explicados no plano de aula II presente no anexo deste trabalho). No terceiro encontro pudemos dar continuidade à temática dos jogos e cultura africana trabalhar as manifestações da cultura africana e afro brasileira, onde foram realizadas as seguintes atividades: Labirinto e Terra-mar, originados em Moçambique; e Jogo Mancala originado no Egito, (que serão detalhados e explicados no plano de aula III presente no anexo deste trabalho).

E nos últimos encontros com as turmas foram abordado a temática das danças e expressão corporal na cultura africana, onde objetivamos Conhecer o significado da

danças africanas; Vivenciar a prática da dança africana e afro brasileira; Compreender sobre a expressão corporal, coordenação, lateralidade, socialização.

Esta experiência de intervenção de ensino mostrou que é possível trabalhar com os conteúdos africanos e afro brasileiros na escola, ajudando a afirmar a identidade dos alunos. A Educação Física como área de conhecimento que está com sociedade, na sociedade e para a sociedade possui um papel extremamente importante quando se trata das questões socioculturais, conforme menciona os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sócio cultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais ou sociais. (BRASIL, 1997, p. 6)

O mesmo documento ainda ressalta que:

A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte (BRASIL, 1997, p.28-29).

FATORES LIMITANTES: ASPECTOS FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS

Finalmente, vale ressaltar que durante todo o processo de desenvolvimento do projeto tivemos pontos positivos e negativos.

fatores positivos

Podemos citar, como ponto positivo, o conhecimento que os alunos tiveram sobre a origem africana de várias atividades que os mesmos já conheciam, porém desconheciam a origem das mesmas. Percebemos que os alunos teceram muitos comentários positivos e entenderam que a África, como qualquer continente, tem muitas coisas belas, bem como suas contribuições nas práticas corporais para nossa cultura, e isso refletiu em maior respeito com os afro descendentes, os quais tiveram uma melhora perceptível na auto estima, diminuindo consideravelmente as atitudes racistas.

Outro ponto positivo foi a existência de jogos de matrizes africanas no laboratório de matemática/robótica da escola. Além do crescimento no interesse dos alunos nas práticas corporais africanas, jogos e brincadeiras e danças, após a intervenção.

fatores negativo

Como ponto negativo, podemos destacar o desserviço preconceituoso prestado por vários professores das demais disciplinas da escola, sobre o tema, tanto quando o projeto foi apresentado quanto quando estava sendo aplicado a intervenção, apontamos que a desinformação e desconhecimento destes professores sobre a LDB e os demais documentos que orientam nossas práticas docentes foi o principal obstáculo para a aplicação da temática. Além do fato de que os trabalhos que já vinham sendo desenvolvidos na escola estão muito voltados para a ética do “não discriminar” e pronto, o que indicaria, segundo GOMES 2012 “a necessidade de avançar no debate conceitual sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira” (GOMES, 2012, p. 354).

Outro indicador de dificuldade é a falta de recursos didáticos com propostas pedagógicas e de instrumentos práticos abordando a temática proposta para a aplicação nas aulas. Também negativamos o fato de que não conseguimos aplicar mais detalhadamente a modalidade “danças” neste tema e que precisaríamos de um tempo maior para esta prática, para que tivesse um maior aprofundamento, conseqüentemente, maior aprendizagem e interação, assim como não conseguimos adentrar mais profundamente aos temas como “Crenças”, “Religiões”, “Ritos” e “Rituais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarmos e analisarmos nossas práticas pedagógicas no estágio percebemos, a partir das pesquisas, que o surgimento de projetos ligados à história e cultura africana e afro-brasileira, na maioria dos casos, tiveram seu início a partir de iniciativas individuais, geralmente por professores que passaram pela vivência e experiência de vida dentro desta temática, professores negros que tiveram experiência de militância no movimento afro. O que nos faz entender o porquê da escassez de abordagem desta temática, visto que, como este tema não se faz presente no cotidiano e na realidade da grande maioria dos professores, que são brancos, estes não enxergam o real valor da temática, fazendo assim com que este debate não esteja pautado no seu projeto político pedagógico de formação de sujeitos participantes e transformadores da sociedade.

Os professores em diversas etapas de sua carreira profissional já se depararam com situações de preconceito com os afrodescendentes. Pensa-se que, se todos, dentro da interdisciplinaridade, fizerem um pouco em cada disciplina, pode-se reverter este quadro. Muitas vezes, o preconceito acontece por ignorância que se tem sobre a cultura afro. Dessa forma, quanto mais os alunos conhecerem essa cultura, menos preconceitos terão, colaborando, assim, para que haja uma maior integração entre os educandos, favorecendo, portanto, o respeito mútuo entre afrodescendentes e os não afrodescendentes.

É impossível desassociar a carga política destes conteúdos, um vez que esta carga se faz marcante e que esta se assume histórica e contextualmente dentro de sistemas opressores. O próprio sufixo “ismo”, tradicionalmente utilizado para indicar doutrinas e crenças, já sugere que o termo “racismo” surgiu para denotar uma ideologia (Bonilla-Silva, 1997). Precisamos entender que atualmente há uma enorme divergência sobre quais dimensões do âmbito social as cargas políticas destes temas estão a ela relacionadas. Por vezes o racismo é definido como: 1) uma doutrina, ideologia ou conjunto de ideais; 2) um conjunto de atitudes, práticas e comportamentos mais ou menos irrefletidos; 3) uma propriedade das estruturas sociais, sistemas ou instituições. Porém, não podemos perder de vista a complexidade do fenômeno e, em especial, das políticas públicas existentes para eliminá-lo. Para isso se faz necessário agregar essas três dimensões sem reduzi-las analiticamente, sem atribuir importância maior a uma em

detrimento às outras. Daí a utilidade de uma definição realista crítica do racismo como um fenômeno tridimensional. (LINS RODRIGUES 2017).

Com este projeto, pretendeu-se aprofundar o conhecimento e a valorização da cultura afro dentro da escola, através dos jogos e práticas corporais da cultura africana. Foi possível perceber, durante todo o trabalho, a percepção ruim que os alunos tinham sobre a África, relacionando-a a fatos tristes, como pobreza, escravidão, animais ferozes e muito calor, que os levava a pensamentos racistas e discriminatórios.

Verificamos que essa percepção se deve aos estereótipos que os mesmos possuem sobre África e os pensamentos relacionados ao racismo são oriundos de omissões seculares na história que, ainda hoje, refletem no imaginário coletivo da sociedade brasileira. Analisando todos esses mecanismos de subjetivação exercidos nos sujeitos pela sociedade – entendendo a mídia e a educação, representada pela escola como agentes em que estes sujeitos estão incorporados –, recorreremos ao conceito de autoinvisibilização refletida, termo sugerido por LINS RODRIGUES (2017) para explicar o enxergar-se como as características fenotípicas do indivíduo-referência – em nosso caso, o indivíduo branco – fazendo assim que um perverso processo de anular a autoimagem num intenso objetivo de assumir uma identidade apócrifa. Esta construção de falsa identidade não se constrói por acaso e nem de maneira simples. E entendemos que precisaremos de mais estudos e intervenções que foquem mais intensamente nesta questão de “autoinvisibilização refletida”.

Esta experiência de ensino mostrou que é possível trabalhar com os conteúdos africanos e afro brasileiros na escola, ajudando a afirmar a identidade dos alunos. A priori desta intervenção foi verificar a viabilidade de abordar tais temas nas aulas de Educação Física e as possibilidades didáticas relacionadas a jogos e brincadeiras, Danças e cultura corporal, que ampliassem a reflexão, percepção e valorização da cultura africana e afro-brasileira, buscando contemplar a Lei nº 10.639/03 que determina a obrigatoriedade do ensino dos valores históricos e sociais desta cultura. Focamos em proporcionar a vivência para estes alunos com o intuito de desenvolver a valorização desta parcela da população, partindo do pensamento de que as ações a cerca desta temática devam ser concretas e sistemáticas, não apenas pontual, ela deve fazer parte do cotidiano escolar, reforçando e enaltecendo sempre a importância das contribuições dos negros para a formação e transformação da nossa sociedade.

Sugerimos que ao abordar tal tema, que ultrapassem a perspectiva da “ética” e tragam um enfoque conceitual possibilitando aos estudantes a compreensão da relação histórica entre o continente africano e o nosso, no passado e no presente, assim como do continente africano com o mundo. Visto que, uma abordagem num âmbito mais “ético” deste tema na escola nos sugere que os professores necessitam de qualificações para trabalhar o tema nos objetivos de seu planejamento pedagógico, bem como em atividades extracurriculares da escola. Enquanto uma abordagem da cultura afro num âmbito conceitual se faz uma importante chave interpretativa na constituição e construção diária de nossa sociedade, além de trazer a tona elementos importantes para a interpretação do próprio pertencimento do aluno e de sua identidade étnico-racial nesta construção.

Não se trata apenas de cumprir uma ordem: Ensinar história e cultura africana e afro-brasileira, amparada na Lei nº 10.639/03. É situar a continente africano numa escala mundial, uma vez que somos cientes de que apesar de todo esforço empreendidos pelos que abraçam esse tema em suas pautas, milhões de seres humanos, seguem sendo vítimas de racismo, da discriminação racial, religiosa, da xenofobia e outras várias formas de violência. E isso tem que acabar.

REFERÊNCIAS

ARENO, W. **Higiene e Saúde**. Educação Física, Rio de Janeiro, n.53, p.40-1, 1941.

ARENO, W. **Higiene aplicada à Educação Física**. Rio de Janeiro; s.e., 1949

BONILLA-SILVA, Eduardo. (1997), “**Rethinking racism: toward a structural interpretation**”. *American Sociological Review*, 62 (3): 465-480.

_____. (2006), **Racism without racists: color-blind racism and the persistence of racial inequality in the United States**. Nova York, Routledge.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Apresentação dos Temas Transversais: Ética**. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

DOMINGUES, Pedro. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. 2011.

ESTERMANN, Josef. **Interculturalidad. Vivirla diversidad**. La Paz: ISET, 2010.

FONTENELLE, J. P.. **Compendio de Hygiene**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1940.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias da reprodução**. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GOMES, Nilma Lino (org.) **Práticas Pedagógicas de trabalho com as relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. Brasília: MEC; UNESCO, 2012b, 424p.

GOBINEAU, **carta a D. Pedro II em 24 de janeiro de 1879**. In: RAEDERS, op. cit., p.278.

- GOULART, R. S. e MELO, K. R. de. **A lei 11.645/08 e a sua abordagem nos livros didáticos do ensino fundamental**. 2013. Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, p. 33- 54, jul./dez. 2013
- GUTMANN, Anne. **Democratic education**. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p .5, 1997.
- LENHARO, A. **Sacralização da Política**. Campinas: Papyrus, 1986.
- LINS RODRIGUES, A. C. **A questão racial na educação física escolar: um estudo sobre as representações raciais a partir da ótica das alunas e alunos**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Cubatão (IFSPCBT), São Paulo, Brasil. 2017.
- LÜDORF, S.M.A. **Do corpo design à educação sociocorporal: o corpo na formação de professores de educação física**. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- MARX, Karl. **O Capital, livro 1, capítulo VI (inédito)**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 23, p. 156-168, 2003.
- MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.
- NETO, A. V. **Currículo, cultura e sociedade**. Educação Unisinos, Porto Alegre, v. 8, n.º 15, p. 157-171, 2004.

ROSENFELD, Michel. **Affirmative action & justice, a philosophical & constitucional inquiry**. New Haven: Yale University Press, 1991.

ROUANET, Sérgio Paulo. **O homem-máquina hoje**. In: NOVAES, Adauto. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. cap.3, p. 37-64.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Ensino público e algumas falas sobre universidade**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

SILVA, A.L.S. “Para evitar o cogumelar de gentes feias”: a Educação Física na eugenia de Renato Kehl (1917-1929). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Salvador, 16., 2009. Anais... Salvador, CBCE, 2009. p.1-14.

SILVA, M. J. L. **As artes e a diversidade étnico-cultural da escola básica**. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

WASELFISZ, J. J. (coord.). **Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília**. São Paulo: Cortez, 1998.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência II**. Brasília: Unesco, Ministério da Justiça, Instituto Ayrton Senna, 2000.

BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em:
<http://esporte.hsw.uol.com.br/capoeira.htm>. acesso dia 14/05/2019.

BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em:
[http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia da capoeira.htm](http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_da_capoeira.htm). acesso
14/05/2019.

CASCUDO, Câmara. Dicionário Do Folclore Brasileiro. Disponível em;
<http://docslide.com.br/documents/dicionario-do-folclore-brasileiro-camara-cascudo.htm>. Acesso em 15/05/2019.

DANÇAS AFRICANAS. Disponível em:
<http://dancasfricanas.blogspot.com.br/2008/12/origem-e-importancia-da-dana-africana.html>. Acessado em 14/05/2019.

DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. Disponível em:
<http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/ArquivosPDF/biblioteca/dicionario-rio-de-tupi.pdf>. Acesso em 15/05/2019.

ESCRAVOS DE JÓ. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escravos de Jó](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escravos_de_Jó).
Acesso dia 10/05/2019.

FATOS DESCONHECIDOS. Disponível em: www.fatosdesconhecidos.com.br/quem-eramos-escravos-de-jo-e-por-que-eles-jogava Acesso : dia 10/05/2019.

HISTÓRIA DA CAPOEIRA. Disponível em:
[http://www.larapedia.com/resumos/Historia da capoeira no brasil resumo.html](http://www.larapedia.com/resumos/Historia_da_capoeira_no_brasil_resumo.html).
Acesso 10/05/2019.

JOGO DA MANCALA. Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Jogar-Kahala>. Acesso
em 10/05/2019.

LABIRINTO, Disponível em:
<http://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf> acesso dia 10/05/2019 as 13:55.

PORTAL BRASIL. Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária, 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria> . Acesso em: 04 Maio 2019.

Site da Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm> **acessado em**
20/04/2019

TOKARNIA, Mariana. **“Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo”**. Agência Brasil. Brasília, 18/11/2016. Disponível em:
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo> Acesso em: 24/04/2019.

ANEXO I

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	
	Estágio Supervisionado em Educação Física	
	Escola: ECI MONTE CARMELO	Ano: III, IV, V E IV CICLOS
	Ano: 2019	Turno: Noite
	Datas: Do dia 27/05 ao dia 29/05 (de segunda à quarta-feira)	
Horário: das 19:00 às 22:00		
Professor: Wesley Correia Francelino da Silva		

PLANO DE AULA – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

INTRODUÇÃO À TEMÁTICA: Quando nos debruçamos na cultura afro-brasileira e da invasão portuguesa ao território brasileiro, usurpada pelo termo “descobrimento do Brasil”, entramos numa área bastante delicada para a história étnica brasileira, a “missigenação”, onde a população brasileira acabou se tornando diversa e heterogênea se comparado com a população indígena anterior a 1500.

A questão da missigenação racial do Brasil normalmente é muito simplificada e romantizada. Não é raro ouvirmos que nosso país é mestiço e plural, e que, conseqüentemente, todos os seus habitantes tiveram sua etnia inevitavelmente misturadas. Índios, Negros, Brancos e seus devidos resultados genéticos provenientes da natureza sexual humana se espalharam pelo país levando consigo suas crenças, medos, estórias, experiências e força de trabalho. No entanto sob o axioma de um país miscigenado se esconde uma realidade violenta e racista: a generalização da branquitude em um país predominantemente preto

TEMA: As influências africanas e afrobrasileiras nas aulas de educação física escolar.

ABORDAGEM DE ENSINO: Abordagem Crítico-Superadora

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Apresentar o projeto e verificar o conhecimento dos alunos sobre cultura africana e afro brasileira.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Debate temático sobre a africa e o povo negro, infatizando as contribuições para a construção da sociedade brasileira;
- Avaliação diagnóstica sobre o conhecimento dos alunos acerca da cultura corporal e práticas da cultura africana;
- Debate com a participação de exposição de ideias ds alunos a cerca do tema “RACISMO”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- A primeira ação será a apresentação do projeto para a direção do Colégio, equipe pedagógica e demais professores, e aos alunos.
- Após, será apresentado a temática aos alunos do turno da noite e posteriormente será debatido, numa roda de conversa, e alguns questionamentos serão feitos aos mesmos, o qual apresentará as seguintes perguntas:
 - ✓ 1. *O que você conhece sobre a África?*
 - ✓ 2. *Você conhece alguma prática corporal da cultura africana? (brincadeira, jogo, luta, etc) Se conhece, quais? Como se pratica?*
 - ✓ 3. *Você já presenciou práticas racistas envolvendo afro descendente? Se presenciou, qual foi sua atitude?*
- Discutir sobre o corpo, suas individualidades e como podemos percebê-los dentro da escola;

RECURSOS DIDÁTICOS

- Materiais escolares que serão utilizados nas aulas;

AValiação

A única forma de averiguar se o conhecimento foi absorvido de forma correta é avaliar. Entretanto sabemos, pois, que existem várias formas de avaliar, que devem ser

analisadas para que se tornem mais condizentes com a realidade da escola em que se atua.

O método avaliativo que será empregados através de questionários e perguntas orais é:

- Método de avaliação Diagnóstica, a partir dos diálogos e debates feitos com os alunos;

REFERÊNCIAS

- GOULART, R. S. e MELO, K. R. de. **A lei 11.645/08 e a sua abordagem nos livros didáticos do ensino fundamental**. 2013. Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, p. 33- 54, jul./dez. 2013
- LÜDORF, S.M.A. **Do corpo design à educação sociocorporal: o corpo na formação de professores de educação física**. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- MARX, Karl. **O Capital, livro 1, capítulo VI (inédito)**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. **Ensino público e algumas falas sobre universidade**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.
- SILVA, M. J. L. As artes e a diversidade étnico-cultural da escola básica. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.
- BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em: <http://esporte.hsw.uol.com.br/capoeira.htm>. acesso dia 14/05/2019.

- BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_da_capoeira.htm. acesso 14/05/2019.
- CASCUDO, Câmara. Dicionário Do Folclore Brasileiro. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/dicionario-do-folclore-brasileiro-camara-cascudo.htm>. Acesso em 15/05/2019.
- DANÇAS AFRICANAS. Disponível em: <http://dancasafricanas.blogspot.com.br/2008/12/origem-e-importancia-da-dana-africana.html>. Acessado em 14/05/2019.
- DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. Disponível em: <http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/ArquivosPDF/biblioteca/dicionario-de-tupi.pdf>. Acesso em 15/05/2019.
- ESCRAVOS DE JÓ. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escravos_de_Jó. Acesso dia 10/05/2019.
- FATOS DESCONHECIDOS. Disponível em: www.fatosdesconhecidos.com.br/quem-eramos-escravos-de-jo-e-por-que-eles-jogava Acesso : dia 10/05/2019.
- HISTÓRIA DA CAPOEIRA. Disponível em: http://www.larapedia.com/resumos/Historia_da_capoeira_no_brasil_resumo.html. Acesso 10/05/2019.
- JOGO DA MANCALA. Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Jogar-Kahala>. Acesso em 10/05/2019.
- LABIRINTO, Disponível em: <http://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf> acesso dia 10/05/2019 as 13:55.
- PORTAL BRASIL. Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária, 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria> . Acesso em: 04 maio 2019.
- Site da Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos** <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm> acessado em 20/04/2019
- TOKARNIA, Mariana. **“Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo”**. Agência Brasil. Brasília, 18/11/2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo> Acesso em: 24/04/2019.

ANEXO II

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	
	Estágio Supervisionado em Educação Física	
	Escola: ECI MONTE CARMELO	Ano: III, IV, V E IV CICLOS
	Ano: 2019	Turno: Noite
	Nº de Alunos: 160 alunos	
Datas: 30/05 (quinta-feira)		
Horário: das 19:00 às 22:00		
Professor: Wesley Correia Francelino da Silva		

PLANO DE AULA – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

INTRODUÇÃO À TEMÁTICA: Sabemos que assuntos sobre negritude e afirmação afro cultural é bastante delicado, principalmente quando envolve questões centrais na construção da identidade da nacionalidade brasileira no que diz respeito à forma que a herança escravista deixaram suas marca em nosso país. Decidimos, a partir das dificuldade em abordar os temas da cultura afro-indigenobrasileiras nas escolas, discutir as contribuições africanas nos processos de construções sociais, históricos e filosóficos na formação de uma sociedade crítica dentro de um projeto político-pedagógico debruçado no materialismo histórico-dialético.

TEMA: História da cultura africana e afro brasileira introdução aos jogos originados da África.

ABORDAGEM DE ENSINO: Abordagem Crítico-Superadora

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Apresentar aos alunos a influência que a cultura africana teve na cultura brasileira.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- ATIVIDADE 1: Aula expositiva, com a utilização do multimídia para a

explicação da história da cultura africana e afro brasileira.

- ATIVIDADE 2: Mesa redonda sobre costumes da cultura africana (com a presença de professores da área de Biologia, História e Geografia da própria escola)
- ATIVIDADE 3: introdução a práticas de jogos originados na África.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Primeiramente iremos retomar o debate das aulas anteriores sobre cultura africana, afro brasileira e sobre o racismo.
- Após, será formado uma mesa redonda com 3 professores da escola, uma professores de geografia, uma professora de historia e um professor de biologia; para debater sobre o continente africano;
- Posteriormente, através do lúdico, trabalhar as manifestações da cultura africana. Serão realizadas as seguintes atividades:



ATIVIDADE 1: **Ampe - (Originado no país Gana):** Um Jogador é o líder. Os outros estão em um semicírculo. O líder fica de frente para o jogador que se encontra em uma das extremidades do grupo. O líder e o jogador batem palmas, pulam, e depois saltam e colocam um pé à frente. Se os dois colocarem o mesmo pé para frente, o líder está fora e o jogador vira líder. Se colocarem os pés diferentes, o líder se move para o próximo jogador e começa a mesma rotina. Um ponto é marcado cada vez que o líder é bem-sucedido. Cada jogador toma um rumo como um líder. Ganha quem obtiver mais pontos.



ATIVIDADE 2: **Meu querido bebê - (Originado na Nigéria):** Um jogador é escolhido e sai. Os outros escolhem outro jogador para ser o 'bebê'. O 'Bebê' deita no chão e os outros jogadores desenham o seu contorno. O 'Bebê' se junta aos outros jogadores. O jogador que saiu volta e tenta determinar quem é o "bebê", baseado no contorno desenhado. Se acertar pontua e continua em uma nova rodada. Caso contrário outro assumirá o seu lugar. Ganha quem conseguir mais pontos.



ATIVIDADE 3: **Kameshi Mpuku Ne (O Gato e o Rato) - Originou-se com o povo Luba, do Congo:** Os jogadores se organizam em linhas e

colunas iguais (4x4, 5x5 etc.) deixando um espaço de aproximadamente um metro entre eles. Em cada linha os alunos ficam de mãos dadas. A seguir são escolhidos três alunos (o coordenador, o rato e o gato). Para iniciar o jogo, o gato persegue o rato entre as linhas formadas pelos jogadores. Quando o coordenador gritar “parar o rato” os jogadores soltam as mãos do colega da linha e seguram nas mãos dos jogadores da coluna. Isso muda a direção dos corredores. O rato e o gato devem ficar atentos às mudanças constantes entre linha linhas e colunas. O jogo termina quando o rato for pego, ou o tempo limite for atingido;

RECURSOS DIDÁTICOS

- Materiais escolares que serão utilizados nas aulas;

AVALIAÇÃO

A única forma de averiguar se o conhecimento foi absorvido de forma correta é avaliar. Entretanto sabemos, pois, que existem várias formas de avaliar, que devem ser analisadas para que se tornem mais condizentes com a realidade da escola em que se atua.

O método avaliativo que será empregados através de perguntas orais é:

- Método de avaliação Diagnóstica e formativa, a partir dos diálogos e debates feitos com os alunos, e as práticas feitas com os mesmos;

REFERÊNCIAS

- GOULART, R. S. e MELO, K. R. de. **A lei 11.645/08 e a sua abordagem nos livros didáticos do ensino fundamental**. 2013. Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, p. 33- 54, jul./dez. 2013
- LÜDORF, S.M.A. **Do corpo design à educação sociocorporal: o corpo na formação de professores de educação física**. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- MARX, Karl. **O Capital, livro 1, capítulo VI (inédito)**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Ensino público e algumas falas sobre universidade**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

SILVA, M. J. L. As artes e a diversidade étnico-cultural da escola básica. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.

BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em: <http://esporte.hsw.uol.com.br/capoeira.htm>. acesso dia 14/05/2019.

BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_da_capoeira.htm. acesso 14/05/2019.

CASCUDO, Câmara. Dicionário Do Folclore Brasileiro. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/dicionario-do-folclore-brasileiro-camara-cascudo.htm>. Acesso em 15/05/2019.

DANÇAS AFRICANAS. Disponível em: <http://dancasafricanas.blogspot.com.br/2008/12/origem-e-importancia-da-dana-africana.html>. Acessado em 14/05/2019.

DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. Disponível em: <http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/ArquivosPDF/biblioteca/diciona-rio-de-tupi.pdf>. Acesso em 15/05/2019.

ESCRAVOS DE JÓ. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escravos_de_Jó. Acesso dia 10/05/2019.

FATOS DESCONHECIDOS. Disponível em: www.fatosdesconhecidos.com.br/quem-eramos-escravos-de-jo-e-por-que-eles-jogava Acesso : dia 10/05/2019.

HISTÓRIA DA CAPOEIRA. Disponível em: http://www.larapedia.com/resumos/Historia_da_capoeira_no_brasil_resumo.html. Acesso 10/05/2019.

JOGO DA MANCALA. Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Jogar-Kahala>. Acesso em 10/05/2019.

LABIRINTO, Disponível em: <http://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf> acesso dia 10/05/2019 as 13:55.

PORTAL BRASIL. Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária, 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria> . Acesso em: 04 maio 2019.

Site da Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm> acessado em 20/04/2019

TOKARNIA, Mariana. **“Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo”**. Agência Brasil. Brasília, 18/11/2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo> Acesso em: 24/04/2019.

ANEXO III

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	
	Estágio Supervisionado em Educação Física	
	Escola: ECI MONTE CARMELO	Ano: III, IV, V E IV CICLOS
	Ano: 2019	Turno: Noite
	Datas: Do dia 02/06 ao dia 05/06 (de segunda a quarta-feira)	
Horário: das 19:00 às 22:00		
Professor: Wesley Correia Francelino da Silva		

PLANO DE AULA – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

INTRODUÇÃO À TEMÁTICA: Sabemos que assuntos sobre negritude e afirmação afro cultural é bastante delicado, principalmente quando envolve questões centrais na construção da identidade da nacionalidade brasileira no que diz respeito à forma que a herança escravista deixaram suas marca em nosso país. Decidimos, a partir das dificuldade em abordar os temas da cultura afro-indigenobrasileiras nas escolas, discutir as contribuições africanas nos processos de contruções sociais, históricos e filosóficos na formação de uma sociedade crítica dentro de um projeto político-pedagógico debruçado no materialismo histórico-dialético.

TEMA: Trabalhando os jogos e brincadeiras de origem africanas.

ABORDAGEM DE ENSINO: Abordagem Crítico-Superadora

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Proporcionar o conhecimento e a vivência prática dos jogos e brincadeiras , desenvolvendo assim a coordenação, raciocínio, cooperação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Através dos jogos e brincadeiras, trabalhar as manifestações da cultura africana e

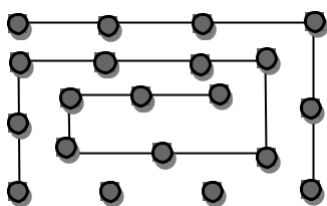
afro brasileira. Foram realizadas as seguintes atividades:

- Labirinto (Moçambique);
- Terra-mar (Moçambique);
- Jogo Mancala (Egito).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- **ATIVIDADE 1: Labirinto. Labirinto (Moçambique).** Com uma pedra em uma das mãos, sem que o outro saiba, os jogadores colocam-se de frente um para o outro. Na aresta inicial do “Labirinto” são colocadas duas pedras diferentes, sendo uma de cada jogador. O jogador que tem a pedra estende as mãos ao colega, tendo este que adivinhar em qual das mãos está. Se conseguir a sua peça é deslocada em uma aresta do labirinto. Caso contrário, a peça do outro é que será movimentada. Este procedimento repete-se até que a pedra de um dos jogadores chegue à última aresta e ganhe o jogo.

(Diagrama do labirinto)



- **VARIAÇÃO:** (Adaptação da atividade Labirinto (Moçambique) Traçar o labirinto no chão em formato gigante. Em duplas, um é o jogador e o outro é a “peça” a ser movida, como se fosse a pedrinha do jogo . Quando o colega adivinha em qual mão está a pedra, o jogador que está no labirinto se move uma casa.
- **ATIVIDADE 2: Terra-mar (Moçambique).** Uma longa reta deve ser riscada no chão. De um lado se escreve “Terra” e do outro “Mar”. No início todas as crianças podem ficar no lado da terra. Ao ouvirem: mar! Todos devem pular para o lado do mar. Ao ouvirem: terra! Pulam para o lado da terra. Quem pular para o lado errado sai. O último a permanecer 9 sem errar vence.
 - **VARIAÇÃO 1 – Adaptação da atividade Terra-mar (Moçambique) O comando em vez de terra ou mar, deverá ser executado com bolas diferentes. O professor segura uma bola de vôlei e uma de basquete. Se**

ele deixar cair a de vôlei, deverão ficar na Terra. Se deixar cair a de basquete, deverão ir para o mar. Se as duas bolas caírem, deverão ir para o mar e voltar para a terra.

- VARIACÃO 2: Morto Vivo (Adaptação da atividade Terra–Mar (Moçambique) Os alunos ficam em pé, e ao comando de morto, eles se agacham. Ao comando de vivo eles deve levantar. Quem errar o comando, sai. O último a permanecer sem errar vence.
- VARIACÃO 3: Careca cabeludo (Adaptação da atividade Terra –Mar (Moçambique) Os alunos ficam sentados. Ao comando de careca, colocam as duas mãos na cabeça. Ao comando de cabeludo, elevam as mãos acima da cabeça. O último a permanecer sem errar vence.
- VARIACÃO 4: Careca cabeludo sentado ou em pé (Adaptação da atividade Terra –Mar (Moçambique) Os alunos ficam em pé. Ao comando careca sentado, deverão por as mãos na cabeça e permanecer sentados. Ao comando careca em pé, deverão levantar com as mãos na cabeça. Ao comando Cabeludo sentado, deverão sentar com os braços elevados acima da cabeça. Ao comando cabeludo em pé, deverão ficar em pé com os braços elevados acima da cabeça.

- **ATIVIDADE 03: História, regras e vivência prática do jogo Kahala – Mancala.**

Mancala É um tipo de jogo de tabuleiro originado no continente africano e jogado no mundo todo, chamado às vezes jogo de “semeadura” ou de “conte e capture”, o que descreve a forma de jogar. O objetivo de jogos de Mancala é capturar mais sementes do que o oponente.

- ✓ 1. O objetivo do jogo é coletar o máximo de peças possível antes que um dos jogadores esvazie todo o seu lado. A fileira com seis espaços mais próxima a cada jogador é dele.
- ✓ 2. Começa colocando quatro pedrinhas em cada espaço. Os jogadores têm 48 pedrinhas no total, e 12 espaços, ou seja, deve haver quatro pedrinhas por espaço. Cada jogador começa com um total de 24 pedrinhas.

- ✓
3. A Mancala do jogador é o espaço grande à sua direita. Também chamada “depósito”, é onde ele coloca as peças capturadas.
- ✓
4. Escolha quem começa. Como não há vantagens em começar, joga-se uma moeda ou escolha alguém aleatoriamente.
- ✓
5. Em sentido anti-horário, o jogador que começa pega todas as quatro pedrinhas em um espaço do seu lado e coloca uma em cada um dos espaços seguintes. (Os jogadores só podem pegar pedrinhas do seu lado do tabuleiro).
- ✓
6. O jogador pode colocar as pedrinhas na própria Mancala, mas não na do adversário. Se tiver pedrinhas suficientes para alcançar a Mancala do adversário, pule.
- ✓
7. Os jogadores se revezem reposicionando as pedrinhas de qualquer espaço.
- ✓
8. Se a última pedrinha do jogador atual cair na sua Mancala, este joga novamente.
- ✓
9. Se a última pedrinha que ele distribuir cair em um espaço vazio do seu lado do tabuleiro, ele captura todas as pedrinhas do espaço em frente. Pedrinhas capturadas vão para Mancala de quem capturou.
- ✓
10. Quando um dos jogadores conseguir esvaziar todos os seus espaços, o jogo acaba. O jogador que ainda tiver pedrinhas do seu lado coloca todas em sua Mancala. Os jogadores contam as pedrinhas em cada Mancala. Ganha quem tiver mais pedrinhas.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Fita adesiva colorida;
- Bolinhas de papel;
- Pedrinhas;
- Cadeiras;
- Mesas;

- Jogos Macalás, disponível na Escola;
- Bandeja de ovos e feijões para confecção da própria mancala dos alunos;

AVALIAÇÃO

A única forma de averiguar se o conhecimento foi absorvido de forma correta é avaliar. Entretanto sabemos, pois, que existem várias formas de avaliar, que devem ser analisadas para que se tornem mais condizentes com a realidade da escola em que se atua.

O método avaliativo que será empregados através de perguntas orais é:

- Método de avaliação Diagnóstica e formativa, a partir dos diálogos e debates feitos com os alunos, e as práticas feitas com os mesmos;

REFERÊNCIAS

- GOULART, R. S. e MELO, K. R. de. **A lei 11.645/08 e a sua abordagem nos livros didáticos do ensino fundamental**. 2013. Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, p. 33- 54, jul./dez. 2013
- LÜDORF, S.M.A. **Do corpo design à educação sociocorporal: o corpo na formação de professores de educação física**. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- MARX, Karl. **O Capital, livro 1, capítulo VI (inédito)**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. **Ensino público e algumas falas sobre universidade**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

SILVA, M. J. L. As artes e a diversidade étnico-cultural da escola básica. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.

BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em: <http://esporte.hsw.uol.com.br/capoeira.htm>. acesso dia 14/05/2019.

BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_da_capoeira.htm. acesso 14/05/2019.

CASCUDO, Câmara. Dicionário Do Folclore Brasileiro. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/dicionario-do-folclore-brasileiro-camara-cascudo.htm>. Acesso em 15/05/2019.

DANÇAS AFRICANAS. Disponível em: <http://dancasafricanas.blogspot.com.br/2008/12/origem-e-importancia-da-dana-africana.html>. Acessado em 14/05/2019.

DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. Disponível em: <http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/ArquivosPDF/biblioteca/dicionario-de-tupi.pdf>. Acesso em 15/05/2019.

ESCRAVOS DE JÓ. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escravos_de_Jó. Acesso dia 10/05/2019.

FATOS DESCONHECIDOS. Disponível em: www.fatosdesconhecidos.com.br/quem-eramos-escravos-de-jo-e-por-que-eles-jogava Acesso : dia 10/05/2019.

HISTÓRIA DA CAPOEIRA. Disponível em: http://www.larapedia.com/resumos/Historia_da_capoeira_no_brasil_resumo.html. Acesso 10/05/2019.

JOGO DA MANCALA. Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Jogar-Kahala>. Acesso em 10/05/2019.

LABIRINTO, Disponível em: <http://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf> acesso dia 10/05/2019 as 13:55.

PORTAL BRASIL. Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária, 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria> . Acesso em: 04 maio 2019.

Site da Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm> acessado em 20/04/2019

TOKARNIA, Mariana. “Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo”. Agência Brasil. Brasília, 18/11/2016. Disponível em:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo> Acesso em: 24/04/2019.

ANEXO IV

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA		
Estágio Supervisionado em Educação Física		
Escola: ECI MONTE CARMELO		Ano: III, IV, V E IV CICLOS
Ano: 2019	Turno: Noite	Nº de Alunos: 160 alunos
Datas: 06/06 (quinta-feira)		
Horário: das 19:00 às 22:00		
Professor: Wesley Correia Francelino da Silva		

PLANO DE AULA – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

INTRODUÇÃO À TEMÁTICA: No ano de 2018 o jornal El País publicou em suas páginas dados sobre a violência no Brasil, onde estes dados encontram-se no Atlas da Violência do ano de 2018, feita numa parceria entre o **Fórum Brasileiro de Segurança Pública** e o **Instituto de pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**. O texto relata que “Em relação à violência letal, no Brasil, é como se negros e não negros vivessem em países completamente distintos. No ano de 2016, por exemplo, o número de homicídios de pessoas negras foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0 por 100.000 habitantes contra 4,2)”. O relatório do Atlas da violência analisou dados recentes, de 2016, fornecidos pelo Ministério da Saúde. A reportagem também relata que o estudo comprovou dados alarmantes como a do estado de Alagoas, que teve a maior taxa de homicídios de negros (69,7 por 100.000 habitantes) e a menor taxa de homicídios de não negros (4,1). O estudo copilou apenas uma década de homicídios de negros, mas o atlas relata conclusões absurdas e tenebrosas, que tornam o tema “racismo” impossível de se ignorar. O RACISMO EXISTE NO BRASIL E AS PESSOAS ESTÃO TÃO ACOSTUMADAS A NATURALIZAR ESTE FATO QUE NÃO CAUSA MAIS COMPAIXÃO E EMPATIA.

TEMA: Danças africanas e afro brasileiras.

ABORDAGEM DE ENSINO: Abordagem Crítico-Superadora

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer o significado das danças africanas;
- Vivenciar a prática da dança africana e afro brasileira;
- Desenvolver a expressão corporal, coordenação, lateralidade, socialização.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Atividade teórica sobre o significado das danças africanas e vivenciar na prática algumas delas;
- Montagem e ensaio de coreografias de danças.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- **ATIVIDADE 1:** Apresentar aos alunos a importância que a dança tem para a cultura africana e a influência que ela teve na cultura brasileira através da dança afro brasileira. A origem e importância da dança africana.
- **ATIVIDADE 2:** Apresentação de músicas e vídeos de danças africanas e afro brasileiras.
- **ATIVIDADE 3:** Vivenciar a dança africana e afro brasileira através de movimentos básicos.
- **ATIVIDADE 4:** Montagem e ensaio de coreografias de danças .

RECURSOS DIDÁTICOS

- Caixa de Som;
- Televisão (da sala de vídeo da escola);

AVALIAÇÃO

A única forma de averiguar se o conhecimento foi absorvido de forma correta é avaliar. Entretanto sabemos, pois, que existem várias formas de avaliar, que devem ser analisadas para que se tornem mais condizentes com a realidade da escola em que se atua.

O método avaliativo que será empregados através de perguntas orais é:

- Método de avaliação Somatória e Emancipatória, a partir dos diálogos e debates feitos com os alunos, e as práticas feitas com os mesmos;

REFERÊNCIAS

GOULART, R. S. e MELO, K. R. de. **A lei 11.645/08 e a sua abordagem nos livros didáticos do ensino fundamental**. 2013. Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, p. 33- 54, jul./dez. 2013

LÜDORF, S.M.A. **Do corpo design à educação sociocorporal: o corpo na formação de professores de educação física**. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MARX, Karl. **O Capital, livro 1, capítulo VI (inédito)**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Ensino público e algumas falas sobre universidade**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

SILVA, M. J. L. As artes e a diversidade étnico-cultural da escola básica. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.

BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em: <http://esporte.hsw.uol.com.br/capoeira.htm>. acesso dia 14/05/2019.

BATIZADO DA CAPOEIRA. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_da_capoeira.htm. acesso 14/05/2019.

CASCUDO, Câmara. Dicionário Do Folclore Brasileiro. Disponível em; <http://docslide.com.br/documents/dicionario-do-folclore-brasileiro-camara-cascudo.htm>. Acesso em 15/05/2019.

DANÇAS AFRICANAS. Disponível em: <http://dancasafricanas.blogspot.com.br/2008/12/origem-e-importancia-da-dana-africana.html>. Acessado em 14/05/2019.

DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. Disponível em: <http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/ArquivosPDF/biblioteca/dicionario-de-tupi.pdf>. Acesso em 15/05/2019.

ESCRAVOS DE JÓ. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escravos_de_Jó. Acesso dia 10/05/2019.

FATOS DESCONHECIDOS. Disponível em: www.fatosdesconhecidos.com.br/quem-eramos-escravos-de-jo-e-por-que-eles-jogava Acesso : dia 10/05/2019.

HISTÓRIA DA CAPOEIRA. Disponível em: http://www.larapedia.com/resumos/Historia_da_capoeira_no_brasil_resumo.html. Acesso 10/05/2019.

JOGO DA MANCALA. Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Jogar-Kahala>. Acesso em 10/05/2019.

LABIRINTO, Disponível em: <http://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf> acesso dia 10/05/2019 as 13:55.

PORTAL BRASIL. Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária, 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria> . Acesso em: 04 maio 2019.

Site da Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm> acessado em 20/04/2019

TOKARNIA, Mariana. **“Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo”**. Agência Brasil. Brasília, 18/11/2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo> Acesso em: 24/04/2019.

